

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

VIA BRACARA ASTURICAM TERTIA. UM APONTAMENTO DE MARTINS CAPELA.

SILVA, Amaro da

Ano: 1986 | Número: 96

Como citar este documento:

SILVA, Amaro da, Via Bracara Asturicam Tertia. Um apontamento de Martins Capela. *Revista de Guimarães*, 96 Jan.-Dez. 1986, p. 205-218.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

VIA BRACARA ASTVRICAM TERTIA

Um apontamento de Martins Capela

por AMARO DA SILVA

Em carta de 5/12/1895, F. Martins Sarmento refere a Martins Capela, a propósito dos «Milliarios» (1): «Eu só lhe noto uma falta,... a d'un mappa não digo do traçado das estradas... mas um mappa indicando os sitios, onde hoje se encontram os milliarios.» (2) E E. Hübner, na sua recensão crítica aos «Milliarios», também refere: «Falta a esta narração do P.^e Capella, sobremaneira util, uma só cousa, e é um mappa delineado por mão d'un geographo perito.» (3)

Perante estes reparos de Martins Sarmento e Hübner, Martins Capela responde: «Annos ha que algo se tentou neste sentido, e aos bons officios do brioso e illustrado official do nosso exercito, Sr. Major B. Sesinando, devo o desenho cartographico na escala de 1/50.000 de uma zona ao longo da Geira, desde Braga até alem da Portella-do-Homem, sobre a qual intentei apontar a directriz da via romana com indicação dos milliarios, e para isso de novo pisei aquelle caminho.

«Várias difficuldades porém me obrigaram a abandonar a empresa, entre outras a minha inaptidão technica, o ter de ampliar a outras vias de Braga o meu estudo, para o que não estava provido nem me era facil, de novo desenho, e sobre tudo aquella razão muito conhecida que obrigou o capitão a entregar a praça...» (4)

Tal como estava, muito antes da publicação dos «Milliarios», assim está hoje o apontamento inédito, sobre carta geográfica, que aqui se apresenta e que não passa de um esboço abandonado, um projecto não realizado de Martins Capela.

(1) Manuel José Martins Capella, *Milliarios do Conventus Bracaraugustanus em Portugal*, Porto, 1895.

(2) In «Revista de Guimarães», vol. 46, N.^{os} 3 e 4, Julho/Dezembro de 1936, pág. 132.

(3) In «Revista de Educação e Ensino» — Lisboa, N.^o 4, Abril de 1896, pág. 186.

Esta recensão crítica de E. Hübner foi primeiramente publicada na «Revista Crítica de História y Literatura» — Madrid, Año I-N.^o 4, Marzo de 1896.

(4) In «O Archeologo Português» — Lisboa, vol. II-N.^{os} 4 e 5, Abril/Maio de 1896, págs. 98-99.

Bernardo de Brito (5), Mattos Ferreira (6), Contador de Argote (7), Barros Sibelo (8) e E. Hübner (9) foram alguns dos autores que, até finais do séc. XIX, mais cuidadosamente se dedicaram ao estudo e análise da Via Militar Romana Braga-Gerês-Astorga, vulgarmente designada por Geira (10). Mas se isto é correcto, não menos será afirmar que foi Martins Capela quem elaborou o estudo mais criterioso, sério e completo através da sua mais conhecida e célebre obra: «Milliarios do Conventus Bracaraugustanus em Portugal» (11).

Durante mais de 20 anos (12) dedicou-se Martins Capela ao estudo e pesquisa das principais vias romanas do «Conventus Bracaraugustanus»; mais de 20 anos preenchidos com a leitura das inscrições miliárias, a definição do traçado das vias, a resolução de alguns problemas de autenticidade epigráfica e o estudo da história romana. Neste difícil e longo trabalho, Martins Capela encontrou em Martins Sarmento aquele amigo, colaborador e conselheiro sempre dedicado e pres- tável (13).

Martins Capela foi um investigador escrupuloso e atento. Para além de conhecer «in loco» todo o material de estudo e de ter consultado as principais obras de epigrafia, história e viação romanas, não se poupava ao mais exigente exame nem se furtava à crítica mais severa. A este propósito são elucidativas as palavras de E. Hübner aquando da recensão crítica dos «Milliarios»: «O seu auctor reúne em si, como claramente se vê, altas prendas de inteligência, com uma modestia

(5) Bernardo de Brito, *Monarchia Lusitana*, vol. V, Typographia da Academia Real das Ciências, Lisboa, 1806-1809.

(6) P.^o José de Mattos Ferreira, *Thesouro de Braga descoberto no Campo do Gerez*, Edição da Câmara Municipal de Terras de Bouro, Braga, 1982. Esta obra já havia sido publicada, sem nome de autor, na Secção de Antiguidades da «Revista Litteraria» — Porto, 6.^o Ano, tomos VIII e IX, 1842.

(7) D. Hieronymo Contador de Argote, *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga*, titulo I-Tomo II, Lisboa, 1732-1747 e *De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustani*, Libri quatuor, secunda editio, Olyssipone, 1738.

(8) D. Ramon Barros Sibelo, *Memoria descriptiva de la tercera via militar romana que del convento juridico de Braga yva al de Astorga*, Orense, 1861. Este é um manuscrito existente na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa.

(9) Aemilius Hübner, *C.I.L.*, vol. II, Berolini, 1869; *C.I.L. (I.H.L.)*, vol. II — Supplementum, Berolini, 1892 e *Addimenta Nova ad Corporis* (vol. II), in *Ephemeris epigraphica* — *C.I.L. (Supplementum)*, Instituti Archeologici Romani, vol. VIII, Berolini, 1899.

(10) Segundo o itinerário de Antonino e na expressão de E. Hübner, esta via designa-se «Via Bracara Astvricam Terria». Ver: G. Parthey et M. Pinder, *Itinerarium Antonini Augusti et Hierosolymitanum*, Bertolini, 1848.

(11) Devido a esta obra, Martins Capela foi eleito e recebeu o diploma de sócio correspondente da Classe de Letras da Academia Real das Ciências de Lisboa, em 17/12/1896. A proposta de sócio correspondente foi apresentada por António Cândido Ribeiro da Costa, em 16/4/1896, e o parecer foi lido por Leite de Vasconcelos, relator, em 28/5/1896. Este parecer está publicado em «O Archeologo Português» — Lisboa, vol. II, N.^{os} 10 e 11, Outubro/Nov. de 1896, págs. 267-269.

(12) M. C., *Milliarios...*, pág. 9.

(13) É de referir a este respeito as inúmeras cartas trocadas entre Martins Capela e Martins Sarmento: 1882-1898. A «Revista de Guimarães» já publicou — entre 1929 e 1938 — 67 cartas de Martins Sarmento a Martins Capela e está a iniciar a publicação das cartas de Martins Capela a Martins Sarmento. Todas estas cartas fazem parte do espólio da Biblioteca da «Sociedade Martins Sarmento».

exemplar. Nascido e educado na região cujas antiguidades se propoz investigar, conhece-as perfeitamente...» (14)

De todas as vias militares romanas estudadas por Martins Capela, foi a «estrada da Geira» aquela que mais o despertou e o incentivou para um estudo mais alargado. As razões desta afirmação são variadas. Martins Capela conhecia a Geira desde a sua infância, tantas vezes descrita com o colorido do imaginário popular, pois ela apresentava-se «no plano horizontal em curvas salientes e reentrantes pelo flanco da montanha fronteira á casa paterna.» (15); Martins Capela calcorreou inúmeras vezes a Geira quer como caçador ocasional quer como andarilho nas suas deslocações a pé entre Carvalheira e Braga, enquanto estudante e mais tarde como professor no Seminário Conciliar e no Liceu de Braga; a Geira era a mais conhecida das vias militares romanas que saíam de Braga; a Geira apresentava o maior conjunto de inscrições miliárias e um traçado bastante bem preservado.

E é sobre o traçado da Geira que Martins Capela elaborou o único apontamento, sobre carta geográfica, o qual será descrito de seguida. Antes, porém, cabe aqui dizer que a descrição do traçado da Geira está já explícita nos «Milliarios» e que o presente apontamento de Martins Capela vem concretizar esse traçado e trazer-nos uma informação suplementar, rica de pormenores.

Martins Capela estava consciente, — é ele próprio quem o afirma (16) —, de que uma concretização de um traçado de uma via romana, neste caso da Geira, não passava de um tecido de conjecturas. Estas conjecturas dizem respeito sobretudo ao percurso Braga-rio Cávado-Paredes Secas, devido à falta de vestígios seguros e indicadores evidentes.

Descrição do Apontamento

O presente apontamento (17), sem data, feito pelo punho de Martins Capela, consta de um tracejado, a lápis, relativo ao itinerário da Geira no percurso Braga-Portela do Homem. Ele apresenta-se sobre uma cópia de carta geográfica, colada a uma folha de cartolina que mede 0,96 m x 0,28 m. Esta folha de cartolina dobra a meio do seu comprimento e está protegida por uma grossa capa de cartão forrada a linho (18). Sobre a folha de cartolina encontra-se o seguinte texto manuscrito, a tinta:

(14) In «Revista de Educação e Ensino» — Lisboa, N.º 4, Abril de 1896, págs. 183-184.

(15) M. C., *Milliarios...*, pág. 11.

(16) M. C., *Milliarios...*, pág. 54.

(17) Agradeço ao prezado senhor e amigo Manuel António Martins Capela, residente em Lisboa, a oferta — em 24/6/84 — deste apontamento.

(18) Com toda esta apresentação é legítimo concluir-se que Martins Capela tinha como claro propósito realizar um completo levantamento do traçado da Geira e da localização dos seus miliários.

«Planta chorographica da faixa de terreno
de
Portugal
por onde passava a antiga estrada Romana
Que de Braga se dirigia á Astorga
e que passa á Portella do Homem

— • —
Colligida por
B. Sesinando Ribeiro Arthur
e desenhada por Isais Newton

— • —
Destinada a acompanhar a memoria do
P.^c Manuel José Martins Capella
Professor de philosophia do Lyceu de Vianna do Castello

— • —
Escala: $\frac{1}{50.000}$ —

O tracejado da Geira, a lápis, apresenta-se com a seguinte leitura: traço contínuo (————) para os pontos do itinerário considerados conhecidos; traço descontinuo (— — — —) para os pontos duvidosos e traço descontinuo com pontos intercalares (— . . . —) para os pontos prováveis (19).

Desta forma, de Braga à Ponte do Porto, sobre o rio Cávado, Martins Capella apresenta o itinerário como duvidoso; da Ponte do Porto a Vilela como provável; de Vilela a Covide como conhecido. A partir de Covide, apesar do desenho do tracejado continuar a ser a traço contínuo, este vai-se diluindo e tornando cada vez mais ténue e incerto para desaparecer totalmente por volta da milha XXXI (Bico da Geira).

Desde Braga e até à Ponte do Porto, Martins Capella indica a passagem da Geira a Ocidente — no sentido SO/NE — da actual (20) fábrika Pachancho para depois seguir por Areal de Baixo, Areal de Cima, todo o caminho velho por Cedro (Oriente do Convento de Montariol), cruzamento dos quatro caminhos na Serra das Sete Fontes e ladeando pelo Oriente a Quinta da Boavista. Depois, em duplo

(19) Foi o próprio Martins Capella quem escreveu, também a lápis, esta leitura do tracejado, apresentando-a em nota discreta no rodapé da folha de cartolina, no sítio da dobra. Esta nota encontra-se já muito delida pelo tempo e só a muito custo e com lupa é que se decifra.

(20) Os nomes das localidades, serras, caminhos e outras referências topográficas que indico neste trabalho, são tiradas da actual carta geográfica 1/25.000 dos Serviços Cartográficos do Exército.

Em todo o meu trabalho com cartas geográficas — (transposição do apontamento de Martins Capella para as actuais cartas de 1/25.000 e 1/50.000, definição do traçado da Geira segundo outros autores, etc.) — tive a preciosa e amigável colaboração do Dr. Orlando Borges e, em especial, da Dr.^a Rosário Baptista — geógrafos.

traçado, um por junto da Quinta do Souto e outro pela Quinta da Cedofeita (21), segue, a partir de Romil (Adaúfe), todo o actual leito da estrada por Corgo, Castelhão, Loural, Quinta do Bárrio, Padrão e Couto. A partir daqui o tracejado deriva para Oriente, saindo para fora da actual estrada, e vai por Cruz, Ocidente de Moutor, para em seguida se reencontrar com a estrada e atravessar o rio Cávado pela Ponte do Porto. (MAPA N.º 1)

Como já é sabido através dos «Milliarios», Martins Capela era da opinião de que a Geira transpunha o Cávado na Ponte do Porto uma vez que esta ponte lhe parecia obra romana (22).

Neste trajecto, Braga-Ponte do Porto, o esboço de Martins Capela está nítido e bem desenhado.

Quanto ao itinerário da Geira no troço Ponte do Porto-Vilela, assinalado por Martins Capela como provável, ele toma, logo a seguir à travessia do Cávado, o caminho velho em direcção a Campo do Mouco, Serraria, Lagarto, Extremo e Passos (Amares). A partir de Passos o desenho apresenta duplo traçado para terminar no cruzamento dos quatro caminhos, a Oriente de Frecheiro. A partir daqui a Geira segue pelas vertentes do Monte de Santiago, por cima de Dornelas, em direcção à Bouça do Fontão e Paredes Secas. Desde o início de Paredes Secas a Geira toma, de novo, duplo traçado até Vilela, no sítio das linhas de água que descem de Paranhos. Um dos traçados segue pelo lugar da Igreja, Quintans e Lama, pelo caminho velho; o outro traçado, também pelo caminho velho, segue em linha recta por Vila Cova (23). (MAPA N.º 2)

Neste trajecto, Ponte do Porto-Vilela, o esboço de Martins Capela também está bastante nítido e bem desenhado.

Para além de Vilela e até Covide, Martins Capela esboçou o percurso da Geira em traço contínuo mas não muito bem delineado. Vê-se claramente que Martins Capela não prestou tanta atenção e cuidados como para o percurso Braga-Vilela, se bem que este trajecto da Geira fosse (e é) conhecido (24), estivesse (e está) bem preservado e os miliários se encontrassem (e encontram-se) nas margens da via.

Saindo de Vilela, no sítio sobranceiro a Minarelho, a Geira contorna o Monte de Santa Cruz passando, à frente, pela portela e lugar de Santa Cruz da Geira. Segue por Barral, Reboredo, capela de S. Sebastião, Ribeiro de Cabañinhas, Chã de Vilar, Barreiros (a Ocidente do Alto de Bustelo), por baixo de Travassos, Santa Comba e Padrós, atravessa a estrada nacional e passa a Sã e Covide.

A partir de Covide o tracejado, como fica dito atrás, vai-se diluindo de tal forma que não vale a pena referir o trajecto da Geira rascunhado por Martins Capela.

Descrito o traçado, há ainda a mencionar que Martins Capela também esbo-

(21) Este percurso alternativo está assinalado por Martins Capela como provável.

(22) M. C. *Milliarios...*, pág. 59.

(23) No desenho do duplo traçado, Martins Capela não apresenta um traço inequívoco de modo a determinar-se a sua preferência por um ou por outro.

(24) A actual carta geográfica 1/25.000 dos Serviços Cartográficos do Exército apresenta a indicação do percurso da Geira desde o lugar de Santa Cruz da Geira e até à Portela do Homem.

LEGENDA:
 - - - - - traçado duvidoso
 - - traçado provável
 ————— traçado conhecido



MAPA N.º 1 — Traçado da Geira, segundo Martins Capela, em carta actualizada de 1/50.000, no troço Braga-Ponte do Porto.



LEGENDA:

- traçado duvidoso
- - - - - traçado provável
- traçado conhecido
- Ⓜ indicação de miliário existente

MAPA N.º 2 — Traçado da Geira, segundo Martins Capela, em carta actualizada de 1/50.000, no troço Ponte de Porto-Santa Cruz da Geira.

gou o local onde se encontravam os miliários da Geira. Assim o fez embora não de uma forma completa e em toda a sua extensão. Ele só apresenta a localização dos miliários no troço Vilela-Travassos.

O primeiro miliário que Martins Capela assinala no seu esboço é o miliário de Vilela, milha XIII. (MAPA N.º 2) Ele afirma que se encontrava «num sítio sobranceiro á freguezia de Villela, Amares... tombado á margem da estrada, em sitio êrmo.» (25) Este miliário encontra-se actualmente no caminho sobranceiro ao cemitério de Vilela e encostado ao muro do adro da igreja paroquial (26).

A seguir indica o local dos dois miliários de Lapaças (Bicos ou Cantos da Geira) — Balança, milha XV (27). (MAPA N.º 2) Estes dois miliários encontram-se, ainda hoje, no mesmo sítio em que os encontrou Martins Capela. Estão em frente um do outro e um de cada lado do caminho, presumido da Geira.

Depois assinala três miliários no Ribeiro de Cabaninhas, — ainda hoje assim conhecido —, Choreense, milha XVII (28). Estes miliários também se encontram, hoje, no mesmo sítio e da mesma forma (29).

Por último, assinala dois miliários «perto da aldeia de Travassos, Vilar» (30), milha XXI, junto do Ribeiro da Pala da Porca e do Moinho da Trocinha (31).

É notório que Martins Capela sentiu muitas dificuldades e teve muitas hesitações ao fixar o trajecto da Geira. E isto por várias razões. Em primeiro lugar, Martins Capela sempre foi um investigador escrupuloso e sério em todo o seu trabalho, nunca enveredando por soluções arriscadas e audaciosas; sempre procurou a solidez da argumentação através da coordenação de provas eficazes. Se apresenta o traçado da Geira no percurso Braga-Vilela, isto não significa que ele não estivesse consciente do risco que corria. Tanto é assim que classifica esse traçado como duvidoso (Braga-Ponte do Porto) e como provável (Ponte do Porto-Vilela). Em segundo lugar, Martins Capela conhecia tão minuciosamente certos troços da Geira, principalmente Vilela-Portela do Homem, que em muitos pontos do seu esboço se notam traços de correcção à carta geográfica. E em terceiro lugar, as falhas e erros apresentados pela cópia da carta geográfica que utilizou não lhe permitiram a eficácia do seu trabalho. E é a este respeito que ele afirma a sua «inaptidão technica» (32).

As principais falhas da cópia da carta geográfica utilizada por Martins Capela, tendo como termo de comparação as actuais cartas 1/25.000 (Serviços Car-

(25) M. C., *Milliarios...*, págs. 60 e 105.

(26) Este miliário inspira muitos cuidados uma vez que apresenta uma imperceptível fenda a meio do seu comprimento e pode partir-se facilmente.

(27) M. C., *Milliarios...*, págs. 60 e 247.

(28) M. C., *Milliarios...*, págs. 60, 144, 184 e 198.

(29) Os dois miliários (Decio e Caro) que se encontram do lado de baixo do caminho da Geira, lá continuam, a par, na sua sepultura. Eles merecem certos cuidados tal como já havia advertido Martins Capela.

(30) M. C., *Milliarios...*, págs. 160 e 161.

(31) Não me foi possível verificar, no local, a existência destes dois miliários.

Agradeço ao Sr. Carlos Fernandes, da freguesia de Covide, todo o trabalho que teve comigo como guia.

(32) In «O Archeologo Português» — Lisboa, vol. II, N.ºs 4 e 5, Abril-Maio de 1896, pág. 99.

tográficos do Exército) e 1/50.000 (Instituto Geográfico e Cadastral), são as seguintes: localidades mal evidenciadas; não utilização das curvas mestras para a determinação da altitude das curvas de nível; as curvas de nível não apresentam cota; não apresenta grande diferenciação de símbolos cartográficos, o que dificulta a interpretação do mapa; erros na medição das distâncias; menos pormenor na representação topográfica, especialmente na medição das cotas e nas pequenas variações do declive da topografia; traçado mais simplificado e linear das curvas de nível e cursos de água; representação menos pormenorizada da topografia (33).

Na segunda metade do século XIX já a geometria descritiva era utilizada na definição e representação de uma carta geográfica. Também já se utilizavam curvas de nível para a representação das formas do terreno e os pontos geodésicos para a determinação da altitude. Mas tudo isto era utilizado ainda de uma forma incipiente e pouco desenvolvida. Só com as modernas técnicas de fotografia aérea é que se tornou possível maior rigor e melhor representação da topografia (34).

As várias teses sobre o traçado da Geira

O traçado da Geira no percurso Vilela-Portela do Homem não oferece problemas de maior uma vez que é um percurso bastante bem preservado e com sinais evidentes da sua passagem: miliários, calçadas, pontes e muros de suporte.

O mesmo já não se pode dizer para o percurso Braga-Vilela. Este percurso continua e continuará a ser um assunto controverso até que a arqueologia, a toponímia, a descoberta de novos miliários, as inquirições, os documentos cadastrais, enfim, a história traga novos elementos e indicações claras e seguras. Por enquanto, as teses, hipóteses e conjecturas são as mais variadas.

É sabido que quando são escassos ou quase inexistentes os vestígios e os dados objectivos, as conjecturas multiplicam-se. E neste caso as conjecturas multiplicam-se porque a Geira, no troço Braga-Vilela, atravessa toda a bacia do Cávado — uma área muito fértil e agricultável. Pode até afirmar-se, olhando para a actual carta 1/25.000, que a bacia do Cávado é uma sementeira contínua de quintas e veigas.

Com o desenvolvimento da agricultura os terrenos são revolvidos, as populações fixam-se, novas vias são traçadas, constroem-se habitações e fazem-se as mais diversas construções — tantas vezes aproveitando os materiais das construções antigas. Assim, com o decorrer do tempo, vão desaparecendo muitos dos vestígios mais significativos de qualquer via ou caminho antigo.

A acrescentar a isto temos de ter em conta que a bacia do Cávado, por onde passa a Geira, são arredores da cidade de Braga; uma cidade que esteve envolvida

(33) É pelas razões expostas que neste trabalho se apresenta o traçado da Geira, segundo o apontamento de Martins Capela, em carta actualizada de 1/50.000, para que se possa fazer uma melhor e mais rápida leitura.

(34) Maria Fernanda Alegria, *Cartografia Antiga de Portugal Continental*, Separata de «Finis-terra» — Revista Portuguesa de Geografia, vol. XII-24, Lisboa, 1977.

em muitas venturas e desventuras da história. Por outras palavras, pode dizer-se que a bacia agricultável desprotegeu a Geira enquanto a montanha a escondeu e preservou.

Como se isto não fosse suficiente, D. Diogo de Sousa, arcebispo de Braga, com o intuito de proteger os miliários da Geira e de outras vias que saíam de Braga, ordenou que esses miliários se recolhessem em Braga, no Campo de Santa Ana. Não há ainda conhecimento de que fosse feito qualquer registo, descriminado, das vias a que pertenciam esses miliários e onde se encontravam. Com os «cuidados» do arcebispo e as voltas que os miliários deram, desapareceram os vestígios mais evidentes do traçado da Geira.

Mattos Ferreira (35), Contador de Argote (36), Barros Sibelo (37) e Martins Capela são unânimes ao afirmarem que a Geira passava o rio Cávado pela Ponte do Porto e que esta era «obra insigne dos Romanos» (38).

Domingos Maria da Silva (39) e José João Rigaud de Sousa (40), contrariando as teses anteriores, afirmam que a Geira passava o Cávado a montante da confluência dos rios Homem e Cávado. Esta suposição apoia-se nos testemunhos de Montebelo (41), nos vestígios arqueológicos da área Lago-Barreiros-Carrazedo e na existência de um miliário em Carrazedo (Pilar) e mais dois em Barreiros.

De algum modo, Carlos Alberto Ferreira de Almeida (42) responde aos argumentos apresentados por Domingos M.^a da Silva e Rigaud de Sousa e afirma que a Geira passava o Cávado a jusante da actual Ponte do Porto (43) e subia por entre Ferreiros e Amares.

(35) Na pág. 18 — *Thesouro de Braga...*, edição da Câmara de T. de Bouro, op. cit. — este autor afirma: «Sahe este caminho da cidade de Braga, passa a Ponte do Porto, obra insigne dos Romanos, que ainda hoje se conserva, entra por Amares e Cayres e vay ter a Paredes Secas,...»

(36) *Memorias...*, op. cit., pág. 533. Argote, quanto à descrição da Geira, seguiu — «ipsis verbis» — o relato de Mattos Ferreira.

(37) Op. cit., págs. 6, 8 e 9: «Seis mil setecientos noventa y dos metros, es la distancia que intermedia entre Braga y puente de Oporto, fabrica romana... Entre los montes de Castro y Amares y de Santiago, empieza la calzada á ser viable... dejando al O. los pueblos de S. Tomé de Procelo; Santa Maria de Ferreira; Amares... y al E. la Iglesia de Dornelas...»

(38) Pode afirmar-se que Martins Capela, porque não dispunha de outros elementos, seguiu de perto, neste ponto, a autoridade dos seus antecessores.

(39) *Entre Homem e Cávado (Monografia do Concelho de Amares — Monografia de Terras de Bouro)*, 3 vols., Amares, 1958.

A Geira e a sua história, in Revista «Bracara Augusta» — Braga, vol. XXXV, Jan./Dez. de 1981. Este autor defende que a Geira passava o Cávado perto do lugar da Ponte — Santa Marta (Lago) e perto de Barreiros; passava junto ao castro de Carrazedo e de Feira Nova (Ferreiros).

(40) *Nova ara dedicada aos lares no Convento Bracaraugustano*, Revista «Bracara Augusta» — Braga, vols. XXV-XXVI, 1971-1972. Este autor tem em tudo uma posição idêntica à de Domingos M.^a da Silva.

(41) *Memorial del Marques de Montebelo*, 1642. Montebelo afirma que a Geira atravessa longitudinalmente e não obliquamente o Entre Homem e Cávado.

(42) *Vias Medievais (Entre Douro e Minho)*, dissertação para Licenciatura em História, Faculdade de Letras do Porto, 1968. Nas págs. 30 e 31, desta obra, afirma: «Saindo de Braga pela parte norte da *cardo* iria, por Montariol, a Pinheiro e a Adaúfe, descendo pelo lugar da Estrada ao rio Cávado. ...subia por entre Ferreiros e Amares e seguia por entre Caires e Dornelas indo a Paredes Secas...»

Pelo que fica exposto e tendo em conta que a Ponte do Porto não é romana mas medieval, — como já está seguramente provado por diversos investigadores —, pode afirmar-se que a tese de Ferreira de Almeida e Arlindo R. Cunha não se afasta muito da tese de Martins Capela. Todos estes três autores estão de acordo ao afirmarem que a Geira passava por Areal de Cima, Montariol e Adaúfe. Transposto o rio Cávado, o traçado da Geira descrito por estes autores também não diverge muito significativamente uma vez que a fazem passar por (perto de) Amares.

As «Memórias Paroquiais», a respeito da freguesia de Caires, referem: «Tem no Cabido, à porta da igreja huns pedestres grandes e redondos com letras antigas na circunferência, que não se entendem, e mostram ser do tempo dos Romanos, correspondentes aos do caminho da Geira dos mesmos.» (44) Passaria a Geira por Cairês ou por cima de Dornelas?

Resta agora pôr em evidência a principal questão. Passaria a Geira o Cávado a jusante da actual Ponte do Porto ou a montante da confluência do Homem e Cávado? Passemos, pois, a comentar os argumentos apresentados por Domingos M. Silva e Rigaud de Sousa.

Quando estes dois autores se baseiam nos castros da área Lago-Barreiros-Carrazedo, nos diversos e não classificados vestígios arqueológicos apresentados e na ara encontrada em Carrazedo, C. A. Ferreira de Almeida responde: «São — as vias romanas — estradas de estado, de império... São estratégicas e não ligam senão grandes centros administrativos. ... A via romana é, por regra, rectilínea. ... não é pela arqueologia e povoados castrejos que as podemos reconstituir. A utilização dos próprios vestígios romanos para determinarmos o seu traçado deve ser feita com a máxima prudência. Entre os vestígios arqueológicos mais definidores estão os cemitérios romanos e luso-romanos. ... Uma série de sepulturas pode revelar-nos uma via, embora os túmulos não nos possam esclarecer acerca da sua importância; se é via regional, se imperial.» (45)

Quanto aos miliários, ou cipos considerados miliários, existentes em Barreiros (Quinta de Agrolongo e Quinta da Pena) e em Carrazedo (Pilar), é importante referir-se alguns dados.

Por informações diversas (46) não me foi possível determinar a existência do cipo da Quinta de Agrolongo (47).

No que diz respeito ao cipo da Quinta da Pena (48), ele encontra-se levan-

(43) Arlindo Ribeiro da Cunha é de idêntica opinião. Ver a este propósito um trabalho da sua autoria: *Um miliário inédito*, in «O Distrito de Braga», vol. I — fasc. III-IV, 1962. Nas págs. 319 e 320 refere: «Deixando a porta Praetoria... dirigia-se ao Areal de Cima,... rodeava Montariol pelo Sul e Ocidente, e seguia, para Adaúfe, em demanda do rio Cávado, que transpunha a jusante da actual Ponte do Porto. Em Amares, começava a subir, gradualmente, a encosta da Serra de Santa Cruz... no sentido Sudeste-Noroeste.»

(44) Domingos Maria da Silva, *Entre Homem e Cávado em meados do séc. XVIII (Memórias Paroquiais)*, Braga, 1985, pág. 115.

(45) Op. cit., págs. 17, 18, 22 e 23.

(46) Agradeço ao Sr. Narciso José de Barros Veloso, da Quinta do Carvalhal-Barreiros, toda a dedicação que teve para comigo.

(47) Rigaud de Sousa (op. cit. pág. 180) fala da sua existência e refere que é anepígrafo.

(48) O seu proprietário é o Sr. Paulo Barbosa Macedo.

tado junto à piscina. Apresenta reduzidas dimensões (49), é anepígrafo (50) e, segundo consta, já deu muitas voltas (51). Apesar de certas referências documentais, não muito explícitas, não é seguro e correcto considerá-lo como miliário. Tal como está, este cipo não é um miliário.

Quanto ao miliário do Pilar (Carrazedo) ele merece uma atenção redobrada uma vez que apresenta uma inscrição incompleta (52) e de difícil decifração. Este miliário é fuste de um cruzeiro e encontra-se junto à capela de Santo António do Pilar. Apresenta, também, reduzidas dimensões (53), a pedra está um pouco danificada, o desenho das letras é muito irregular (54) e tosco. Este miliário tem uma forma, umas dimensões e um tipo de granito muito semelhante ao cipo da Quinta da Pena. Só um exame atento permitirá determinar a autenticidade deste miliário. Em todos os miliários estudados por Martins Capela existem variados casos de inscrições renovadas e de miliários de autenticidade duvidosa.

Tudo o que se acabou de expôr, sobre o traçado da Geira a montante da confluência dos rios Homem e Cávado, são reparos e dúvidas legítimas que poderão contribuir para uma melhor definição do problema. Oxalá apareçam mais estudos e investigações para que se conheça melhor o trajecto da Geira no percurso Braga-Vilela.

O trabalho apresentado por C. A. Ferreira de Almeida (55) estabelece com nitidez e segurança, o possível no presente momento.

(49) Tem de alt. 1,72 m, de circ. em cima 1,19 m e de circ. em baixo 1,29 m. A pedra está bem cilindrada.

(50) A 0,23 m do cimo aparece uma cruz (†) mal desenhada e quase imperceptível. Ao centro da sua parte superior encontra-se um furo na pedra.

(51) Domingos Maria da Silva, *A Geira e a sua história*, Separata da Rev. «Bracara Augusta» — Braga, vol. XXXV, Jan./Dez. de 1981, pág. 9.

(52) Domingos M. Silva (op. cit. pág. 8) e Rigaud de Sousa (op. cit. pág. 180) apresentam leituras diferentes. Domingos M. Silva: «...P.CAE. /AVR.CA. / P.F.INV.... / A BR.M.» Rigaud de Sousa: «[M] P.CAE[S.M. / AVR.CA[RVS / P F I P IV[/] P M [»

(53) Tem de alt. 1,65 m, de circ. em cima 1,26 m e de circ. em baixo 1,34 m. A este propósito pode referir-se que de todos os miliários, de Caro e Carino, estudados por Martins Capela, nenhum apresenta tão reduzidas dimensões na sua circunferência. Aquele que tem a sua circunferência mais reduzida — 1,40 m —, Martins Capela — págs. 204 e 205 — considera-o duvidoso.

(54) A alt. das letras varia entre 0,08 m e 0,12 m. A 1.^a, 2.^a e 3.^a linhas apresentam, cada uma, esta variação.

(55) Op. cit.



FOTO 1 — Reprodução do apontamento de Martins Capela no troço Braga-Travassos
(Terras de Bouro).

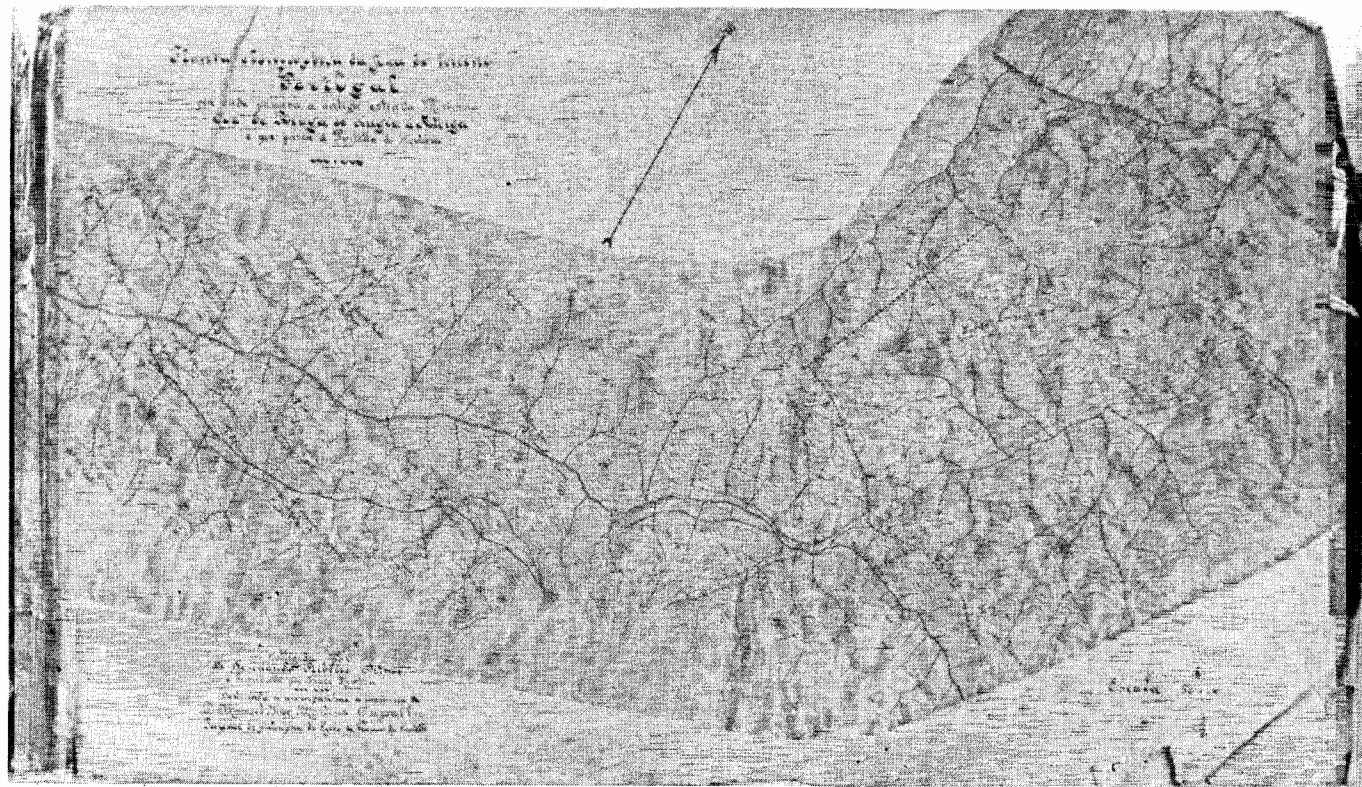


FOTO 2 — Reprodução do apontamento de Martins Capela no troço Travassos (Terras de Bouro) — Portela do Homem.